

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fim de nossa análise de alguns excertos das cartas de Paulo, em especial aos romanos e aos coríntios, onde, dentro das mesmas, elencamos algumas passagens que nos permitiram tematizar questões como o discurso teológico negativo, as perspectivas de metáfora presentes nos escritos paulinos e o modo como sua linguagem se articula dentro da odisséia de propagar entre os gentios essa ciência misteriosa de Deus, concluímos que Paulo de Tarso, não obstante habitasse uma sociedade que respirava os clássicos da Antiguidade, os quais de modo geral entendiam a linguagem como um sistema de representações das coisas do mundo, deu a ver em muitas ocasiões um posicionamento surpreendentemente pragmático, com respeito às Escrituras Sagradas, por vezes até considerando dispensáveis a sabedoria tão almejada pelos gregos, a especulação do pensamento e os artifícios da retórica como maneiras de se chegar a Sabedoria Divina, conforme ele escreve:

POIS NÃO FOI PARA BATIZAR QUE CRISTO ME ENVIOU, MAS PARA ANUNCIAR O EVANGELHO, SEM RECORRER À SABEDORIA DA LINGUAGEM, A FIM DE QUE NÃO SE TORNE INÚTIL A CRUZ DE CRISTO. COM EFEITO, A LINGUAGEM DA CRUZ É LOUCURA PARA AQUELES QUE SE PERDEM, MAS PARA AQUELES QUE SE SALVAM, PARA NÓS, É PODER DE DEUS. POIS ESTÁ ESCRITO: DESTRUIREI A SABEDORIA DOS SÁBIOS E REJEITAREI A INTELIGÊNCIA DOS INTELIGENTES. ONDE ESTÁ O SÁBIO? ONDE ESTÁ O HOMEM CULTO? ONDE ESTÁ O ARGUMENTADOR DESTE SÉCULO? DEUS NÃO TORNOU LOUCA A SABEDORIA DESTE SÉCULO? COM EFEITO, VISTO QUE O MUNDO POR MEIO DA SABEDORIA NÃO RECONHECEU A DEUS NA SABEDORIA DE DEUS, APROUVE A DEUS PELA LOUCURA DA PREGAÇÃO SALVAR AQUELES QUE CRÊEM. OS JUDEUS PEDEM SINAIS E OS GREGOS ANDAM EM BUSCA DE SABEDORIA; NÓS, PORÉM, ANUNCIAMOS CRISTO CRUCIFICADO, QUE PARA OS JUDEUS É ESCÂNDALO, PARA OS GENTIOS É LOUCURA, MAS AQUELES QUE SÃO CHAMADOS, TANTO JUDEUS COMO GREGOS, É CRISTO, PODER DE DEUS E SABEDORIA DE DEUS. POIS O QUE É LOUCURA DE DEUS É MAIS SÁBIO DO QUE OS HOMENS, E O QUE É FRAQUEZA DE DEUS É MAIS FORTE DO QUE OS HOMENS (1 COR. 1:17-25)

Paulo adota uma postura oposta à de que, por intermédio da sabedoria da linguagem, o homem poderia atingir às mais elevadas dimensões da verdade e da justiça, e, por mais que em certos momentos sua oratória se alie à dos sofistas, também se opõe ao ideário de que o homem seja a “medida de todas as coisas”. Também não é adepto ao discurso presente no *Parmênides*, de Platão, onde há uma negação relativa e outra absoluta da acessibilidade dos seres ao Uno. Para Paulo, e isso podemos

contemplar nas obras de Plotino acerca do Uno, a ciência de Deus é absolutamente inatingível pela inteligência humana, sua linguagem é inacessível aos nossos sistemas lingüísticos, e seus mistérios envolvidos em silêncio. É através da crucificação de seus conceitos temporais e pela dação em espírito a Cristo que Paulo prega a sabedoria de Deus, conforme o mesmo explica:

MINHA PALAVRA E MINHA PREGAÇÃO NADA TINHAM DE PERSUASIVA LINGUAGEM DA SABEDORIA, MAS ERAM UMA DEMONSTRAÇÃO DE ESPÍRITO E PODER, A FIM DE QUE A VOSSA FÉ NÃO SE BASEIE NA SABEDORIA DOS HOMENS, MAS NO PODER DE DEUS (1 Cor. 2:4-5)

E completa, revelando o meio pelo qual lhe foi dado o conhecimento das coisas espirituais, indizíveis à linguagem humana: “A NÓS, PORÉM, DEUS O REVELOU PELO ESPÍRITO. POIS O ESPÍRITO SONDA TODAS AS COISAS, ATÉ MESMO AS PROFUNDIDADES DE DEUS” (1 Cor. 2:10).

Já anteriormente tratamos desse modo como Paulo lida com as realidades espirituais, “NÃO FALANDO SEGUNDO A LINGUAGEM ENSINADA PELA SABEDORIA HUMANA, MAS SEGUNDO AQUELA QUE O ESPÍRITO ENSINA, EXPRESSANDO REALIDADES ESPIRITUAIS EM TERMOS ESPIRITUAIS” (1 Cor. 2:13), o que desabilita uma linguagem como sistema de representações a tratar das coisas divinas. Conforme o próprio reafirmou na segunda carta aos coríntios: “SE EU ORAR EM OUTRA LÍNGUA, MEU ESPÍRITO ESTÁ EM ORAÇÃO, MAS A MINHA INTELIGÊNCIA NENHUM FRUTO COLHE” (2 Cor. 14:14), portanto essa linguagem espiritual se encontra no âmbito do apofático, do que não pode ser dito ou articulado por linguagem alguma conhecida pela ciência humana.

A aproximação pragmática se dá em vista de que, para Paulo, Deus era a maior expressão de amor às criaturas, conforme está escrito no Evangelho do Cristo: “DEUS AMOU O MUNDO DE TAL MANEIRA QUE DEU O SEU FILHO UNIGÊNITO, PARA QUE TODO AQUELE QUE NELE CRÊ NÃO PEREÇA, MAS TENHA A VIDA ETERNA” (Jo. 3:16), portanto, apregoava aos judeus que a compreensão da Lei de Deus somente pelo intelecto não lhes garantia essa “vida eterna”, objeto de desejo, segundo Rosenzweig, das tradições cristãs e judaicas (FRANKE, 2007, Vol II, p. 20). A compreensão total era obtida por aquele que age a Lei Maior de Deus – que é Amor – a Torah no estado de emanção, conforme os cabalistas, e não por aquele que busca subsídio na Lei escrita – a Torah de criação – para pautar sua conduta, tanto que, conforme muito já se viu aqui, Paulo afirma: “QUANDO ENTÃO OS GENTIOS, NÃO TENDO LEI, FAZEM NATURALMENTE O QUE É PRESCRITO PELA LEI, ELES, NÃO TENDO LEI, PARA SI MESMO SÃO LEI” (Rom. 2:14).

A questão da metáfora no texto paulino também é instigante, pois, apesar de o mesmo não se posicionar em torno de uma perspectiva de metáfora como elemento fundado, onde a metáfora funcionaria como um desvio do sentido original de uma palavra, faz-se valer de alguns tropos, dentro dessa linha de raciocínio, seja no nível da palavra – “PORQUE O MARIDO É A CABEÇA DA MULHER, COMO TAMBÉM CRISTO É A CABEÇA DA IGREJA” (Efésios 5:23), seja no nível da frase – “NÃO AMORDAÇARÁS O BOI QUE TRITURA O GRÃO” (1 Cor. 9:9) – e, principalmente no primeiro exemplo, usa um método clássico de fazer metáfora por analogia, conforme a *Arte Poética* de Aristóteles. No entanto, como já discutimos em capítulos anteriores, Paulo considerava a linguagem humana, articulada e simbólica, não como uma forma de se ver as coisas tais como elas são, nossa linguagem é mera metáfora de uma essência real, incapturável e desconhecida por nós, como anteriormente já vimos:

POIS O NOSSO CONHECIMENTO É LIMITADO (...) MAS QUANDO VIER A PERFEIÇÃO, O QUE É LIMITADO DESAPARECERÁ (...) AGORA VEMOS EM ESPELHO E DE MANEIRA CONFUSA, MAS, DEPOIS, VEREMOS FACE A FACE. (1 Cor. 13:9-12)

O que vai ao encontro do que, séculos depois, Nietzsche concluiria, sobre a linguagem metafórica:

As diferentes línguas, colocadas lado a lado, mostram que nas palavras nunca importa a verdade, nunca uma expressão adequada: pois senão não haveria tantas línguas. A “coisa em si” (tal seria justamente a verdade pura sem conseqüências) é, também para o formador da linguagem, inteiramente incaptável e nem sequer algo que vale a pena. Ele designa apenas as relações das coisas aos homens e toma em auxílio para exprimi-las as mais audaciosas metáforas” (NIETZSCHE, 2000, p.47).

Aqui percebemos, por ambas as escolhas textuais, que há um posicionamento na dinâmica em tratar do indizível por parte de Paulo de Tarso em favor de uma concepção fundante de metáfora, pois a verdade, conforme o excelente Nietzsche asseverou em *Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral*, será sempre incaptável aos nossos olhos e intelecto, restando-nos metaforizar tudo o que for preciso para que haja uma representação das coisas.

Importante também destacar que, na presente pesquisa, analisamos duas epístolas de Paulo com foco nas passagens que retratam o que não se pode dizer, e de que maneira o apóstolo dos gentios lidou com essa impossibilidade aliada à necessidade do homem em redescobrir sua origem em Deus. A preponderância do que Paulo opôs à letra, ou seja, o Espírito, não assume somente uma função de destronar a palavra do seu lugar de conforto, porém a de desvelar os mistérios ocultos “DESDE OS SÉCULOS

ETERNOS, AGORA, PORÉM, MANIFESTADO (...) POR MEIO DE JESUS CRISTO” (Rom. 16:25-27). Cristo representava a práxis anterior à *legis*, um comportamento não amparado pela Lei da época, um amor desmedido em favor do outro, mas não o outro irmão, o outro amigo, todavia em prol desse outro sem identidade, sem nacionalidade, uma alteridade incompreendida dentro dos âmbitos carnis. A entrega em corpo à cruz e a ressurreição espiritual formam a pedra angular do discurso paulino em torno do apofático, pois que era necessário crer não nas coisas que se podiam ver ou entender. A confiança plena de Paulo nessa alteridade temporal indizível se dava pelo fato de que, a exceção dos outros, fora “ARREBATADO AO TERCEIRO CÉU” (2 Cor. 12), como já observamos, e pode contemplar um mundo perfeito e ilimitado, conforme ele mesmo predizia em sua primeira carta aos coríntios, no capítulo 13. Entretanto, por mais que Paulo fosse sujeito paciente desse transporte, sondando as realidades espirituais, desde sempre misteriosas, suas ciência e linguagem superiores não são articuláveis pela linguagem humana, permanecendo na esfera do indizível, como Paulo no capítulo supracitado afirma: “OUVIU PALAVRAS INEFÁVEIS, QUE NÃO É LÍCITO AO HOMEM REPETIR” (2 Cor. 12:4).

Assim, pelo corpus aqui estudado e colocado em debate com obras anteriores e ulteriores, podemos enxergar nos escritos de Paulo de Tarso a emergência de uma perspectiva de linguagem, que ao longo do tempo fora desrespeitada pela hermenêutica dos hebreus intérpretes da Lei, e que necessitava de ser restaurada em seu estado imanente, onde a linguagem como forma de representação não a poderia alcançar, haja vista o conhecimento limitado de nossas ciências, onde toda e qualquer manifestação interpretativa da Lei de Deus não passaria de metáfora de sua vontade suprema, sendo a única forma de se abordar essa perspectiva de linguagem, sem infringi-la, aquela por intermédio do gênero apofático de discurso, mantendo aquilo que não se pode dizer dentro de seu âmbito natural: o do indizível.

Encerro este trabalho com os versos de Deirdre Carabine, extraída de sua obra *The Unknown God: Negative Theology in the Platonic Tradition* por Willian Franke, e posta na página anterior a seu prefácio do Volume I de *On What Can Not Be Said*:

Hymn to the Transcendence of God

O you, beyond all things! For how else is it fitting to sing you?

How can words hymn you? For you are expressed by no word.

You alone are unutterable, though all that is spoken is from you.

How can mind perceive you? For you are grasped by no mind.

You alone are unknowable, since all that is known is from you.
 All that speaks and does not speak proclaims you.
 All that thinks and does not think honors you.
 For all desires and all travailings of all things
 are directed toward you. All things pray to you, and to you
 all who know your cipher sing a silent hymn.
 In you alone all things abide, to you all together rush.
 For you are the end of all, the one, the all, the nothing,
 being not one, not all. Nameless, what shall I call you?
 The only unnameable? What celestial spirit
 could penetrate your more-than-light darknesses? Be gracious,
 O you, beyond all things! For how else is it fitting to sing you?²⁵

²⁵ Hino à transcendência divina

Oh tu, além de todas as coisas! Pois de que outra forma isso se molda para te cantar?
 Como podem palavras louvar-te? Pois tu és expresso não por palavra.
 Tu solitário és indizível, embora tudo o que é dito vem de ti.
 Como pode a mente perceber-te? Pois tu és apreendido não pela mente.
 Tu solitário és incognoscível, já que tudo o que se sabe vem de ti.
 Tudo o que fala e o que não fala te proclamam.
 Tudo o que pensa e o que não pensa te honram.
 Porquanto todos os desejos e todos os gemidos de todas as coisas
 São direcionados a ti. Tudo ora a ti, e a ti
 Todos aqueles que conhecem tua cifra cantam-na em silencioso hino.
 Na tua solidão tudo habita, todos juntos correm a ti.
 Pois de tudo tu és o fim, o único, o tudo, o nada,
 Não sendo um, nem todos. Sem nome, do que devo chamá-lo?
 O único inominável? Que espírito celeste pode penetrar tua escuridão mais-que-iluminada? Seja gentil,
 Oh tu, além de todas as coisas! Pois de que outra forma isso se molda para te cantar?